

Estudo registra avanço social em Botafogo

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

RIO— Quando cheguei aqui, aos 9 anos, vindo de Crateús, no interior do Ceará, olhava para cima e só via casinhas de madeira. Hoje, o morro está colorido. Agora, a gente só vê casa de tijolo e colorida — compara a guia turística Salete Martins, que chegou ao Morro Santa Marta, em Botafogo, no fim dos anos 1970. A região, que inclui Botafogo, Catete, Cosme Velho, Flamengo, Glória, Humaitá e Laranjeiras, é a que tem menos pobres na cidade. Eram 2,7% em 2010. Quarenta anos antes, houve um avanço social importante. Em 1970, os pobres correspondiam a 7% da região. Mesmo quando se inclui os bairros mais novos, que nasceram depois de 1970, Botafogo permanece com menos pobres. Dentro da Zona Sul, exibiu o melhor desempenho social. Segundo **Marcelo Neri**, da FGV Social, a menor desigualdade explica o resultado da região: — É um dado consistente. Vem desde o Censo 2000, pelo menos. O resultado não se deve à renda, onde Lagoa e Barra apresentam níveis maiores, mas à menor desigualdade. Botafogo é mais homogênea, lugar mais de classe média que Lagoa e Barra. Copacabana viu a pobreza cair de 6,3% para 5,4%, um resultado pequeno para um período de 40 anos: — Copacabana, que era o bairro dos jovens em 1970, envelheceu. Tinha 28% da população entre 15 a 29 anos, e agora essa parcela caiu para 16%. A população está envelhecendo, e isso tende a gerar uma certa estagnação, principalmente nos últimos anos, de economia ruim. Na Lagoa, que no século passado incluía a Rocinha, também não houve um recuo grande na pobreza. Atualmente, são 8,8%. Em 1970, eram 8,1%. Essa região engloba também outros bairros, como Ipanema, Leblon, Gávea, Jardim Botânico, São Conrado e Vidigal.

PACIFICADO, MAS AINDA COM ESGOTO A CÉU ABERTO Segundo Salete, a situação começou a melhorar no Santa Marta a partir de 2003, com a urbanização e melhoria dos becos e vielas e o colorido dado às casas, numa parceria com uma fábrica de tintas: — Mas ainda há esgoto a céu aberto ao lado do Plano Inclinado. O bondinho chegou em 2008, um pouco antes da instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Suavizou a subida íngreme do morro. A comunidade, que é modelo de pacificação, viu os preços dos imóveis dispararem. Uma casa que poderia custar R\$ 15 mil já é vendida por R\$ 140 mil, diz José Mário Hilário dos Santos, no quarto mandato à frente da Associação de Moradores do Santa Marta, onde vivem mais de cinco mil pessoas. — A favela é modelo de pacificação, porque há outras secretarias atuando na comunidade. Fizemos a regularização fundiária de mais de 400 imóveis. Conseguimos água encanada com tarifa social de R\$ 25. O maior problema, segundo Santos, é o pagamento da energia. Não há tarifa social para o serviço, o que onera igualmente a todos, do barraco de madeira à casa de dois andares. O local recebe cerca de dez mil turistas por mês, diz Santos, mas a insegurança começou a voltar. Em março, houve tiroteio no local. A empresária Elaine Cruz mora em Botafogo há oito anos com o marido, Leonardo Bottino, a filha Maria Eduarda, de 4 anos, e o enteado Breno, de 22 anos. Procurou o bairro para comprar um imóvel maior e com mais conforto. O marido, engenheiro da Petrobras, é nascido e criado na região, o que também atraiu a família. — Vimos uma mudança significativa no comércio, com mais lojas, restaurantes e consumo de maneira geral. O número de edifícios novos triplicou, e muitos são de luxo — conta Elaine. A desigualdade marcante do Rio também é vista a olho nu no bairro, diz Elaine. Vilas humildes ficam lado a lado com os novos prédios de luxo, com piscinas e áreas de lazer, que invadiram Botafogo nos últimos anos. — Ainda há vilas de casas tão humildes, que, visivelmente, vivem com dificuldade — afirma Elaine, acrescentando que se considera uma privilegiada. — Faz muita diferença ter água encanada e não ficar sem luz quando há conflito no morro. Ou ficar sem lâmpadas e geladeira no calor do Rio de Janeiro. E isso tudo acontece bem próximo da gente.

POBREZA CAIU MAIS NA ZONA OESTE No estudo, **Neri** verificou que a pobreza só diminuiu com força nos bairros da Zona Oeste. Em Santa Cruz, que tinha quase a metade da população na pobreza em 1970 (45,2%), agora tem 17,8%. Ainda entre as maiores taxas da cidade, mas o avanço foi

inegável. Campo Grande também deu um salto. Saiu de 39,3% de pobres para 11,5%. O mesmo aconteceu com Jacarepaguá: reduziu a pobreza de 30,3% para 7,1%.